

MOVIMENTO GAY E IMPRENSA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

MIGUEL RODRIGUES DE SOUSA NETO*

Quando, em fins dos anos 1960, nos Estados Unidos da América, tem início um movimento – ou sua segunda onda – de afirmação da homossexualidade que rompe a ideia de doença e, em especial, quando no Brasil se toma conhecimento de tal fato, trata-se de um alento e motivo de luta para inúmeros indivíduos que, apreciando eroticamente o mesmo sexo e/ou desviando-se dos gêneros binários oferecidos como norma, ambicionavam romper com o lugar a eles destinado nesta sociedade.

Cumprе ressaltar que tais debates encontravam-se no campo bastante largo dos direitos humanos e das liberdades individual, coletiva e de expressão no território estadunidense. Não obstante, buscava-se, à época, a garantia dos direitos dos negros nos Estados Unidos da América, na ampliação das questões propostas pelas esquerdas mundialmente, pelo fim dos regimes autoritários espalhados pela Ásia, África e América Latina. Justamente por isso, grupos relativamente díspares, aglutinavam-se, às vezes, em torno de uma única bandeira (como o declínio do *american way of life*) ou apoiando as várias outras bandeiras disponíveis (mulheres apoiando gays, negros e latino-americanos, ou vice-versa).

A cidade de São Francisco, na Califórnia, tornou-se, nos anos 1970, o principal território de liberação homossexual dos Estados Unidos da América. Podemos compreender a cidade de Berkeley como integrante do processo de liberação dos costumes, haja vista a força do nascimento da *New Left* estadunidense nas plagas universitárias da cidade. Entretanto, seria em San Francisco que os homossexuais se articulariam de maneira mais audaciosa, ambicionando representação política no próprio município, o que levou Harvey Milk, homossexual assumido, a engajar-se em campanhas para representar o distrito no qual o bairro gay de Castro estava inserido. Em sua terceira campanha, foi eleito. Seria o primeiro

* Professor Adjunto do Curso de História do Campus de Aquidauana da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

homossexual assumido a ser eleito para um cargo representativo nos Estados Unidos da América. Não concluiu seu mandato, seria assassinado por um colega¹:

O vereador Dan White, de San Francisco, renunciou à sua cadeira na Câmara, em protesto contra os baixos salários. Algumas semanas depois resolveu voltar atrás e retomar seu cargo. Mas tanto a Justiça quanto os eleitores se opuseram a isso, desaprovando o gesto irresponsável do ex-vereador. Irritado com a confirmação de que já haveria um substituto para sua cadeira, Dan White dirigiu-se ao prédio da Prefeitura e matou primeiro o prefeito, George Moscone e em seguida o colega vereador, Harvey Milk, com vários tiros de revólver. Esse duplo assassinato na Califórnia parece não ter os motivos retumbantes que agradariam à grande imprensa. Chegou-se, por ex., a ligar esse crime com os Anjos da Morte (da seita Templo do Povo) que teriam justiciado o Prefeito como vingança. As razões do crime parecem muito mais corriqueiras (ou sutis) do que se imagina. O prefeito Moscone, ultraliberal, entre outras coisas escandalosas deixava-se fotografar na passeata anual dos homossexuais, sendo um político sensível à situação dos grupos discriminados. O vereador Milk, por sua vez, tinha sido eleito pela comunidade guei da cidade, como seu representante: era confessadamente homossexual e proclamava com orgulho que se tornara o primeiro político americano a sustentar publicamente suas preferências sexuais não-convencionais. (TREVISAN, 1979: 2)

Anos depois, o cenário de Castro parece ter se modificado sensivelmente, levado a um rumo ainda não de todo conhecido nas terras brasileiras. Sobre tal fenômeno, escreve Bernard-Henri Lévy:

Mas, divertindo-se com esses atrevimentos, só há velhos gays bem penteados, com shorts bem passado, calças pesca-siri, meias curtas de seda, pernas brancas à mostra, camisa com a frase “Vote Kerry” ou “A pobreza também é uma arma de destruição em massa” – de fato, parecem fantasiados, quase mais fantasiados do que as drag queens que eles foram aplaudir; riso bem comportado, postura convencional de gentis e alegres burgueses, e só a barra da calça pesca-siri é que, nos momentos de grande emoção, roça a meia soquete. Média de idade: sessenta anos. Medo da AIDS, medo do sexo, se escaparam das loucuras da juventude, na foi para hoje sucumbirem à vertigem de um *remake*. (...) São Francisco e seus fantasmas. São Francisco e sua revolução glacial. Era uma vez São Francisco, a cidade de todos os excessos e das orgias mais insensatas. (...) Essa cidade é agora um conservatório da audácia, um museu das liberações que deram certo, um túmulo para 300 mil militantes, sobreviventes do apocalipse alegre dos *sixties*... (LÉVY, 2006: 115)

Apesar do conservadorismo que subjaz à descrição de Lévy – mesmo que o autor afirme, linhas antes das acima citadas, que Castro é um dos únicos bairros dos Estados Unidos da América no qual pessoas do mesmo sexo podem andar por suas ruas de mãos dadas ou beijarem-se na boca sem que isso seja motivo de escândalo ou ódio, ou seja, onde gays podem sê-lo sem constrangimento (Idem, *ibidem*: 13) –, é preciso ressaltar: trata-se do olhar do observador do início dos anos 2000 sobre esta cidade e este bairro. Ali, ele observa o declínio

¹ A ascensão de Harvey Milk e sua atuação foram levados à grande tela pelo diretor Gus Van Sant em 2008 (Milk – a voz da Igualdade (*Milk*), Dir.: Gus Van Sant, 2008, Estados Unidos, Universal, Cor., 126 min.). O ator Sean Penn ganhou o *Oscar* de melhor ator por sua atuação como Harvey Milk.

de um modo assumido pelos movimentos sociais iniciado nos anos 1970, sobressaltado pela AIDS na década seguinte e que declinaria (o modo) a partir dos anos 1990. A inspiração para os homossexuais brasileiros nos anos 1970 seria um misto das proposições na *new left* e do arremedo de liberação do Castro, possível apenas parcialmente no Brasil dos anos 1970.

Um dos fundadores do movimento de afirmação homossexual brasileiro, o escritor João Silvério Trevisan, afirma que teve contato com o movimento gay dos Estados Unidos da América quando resolveu, em 1973, deixar o Brasil em auto-exílio. Ele passou pelos países sul-americanos a partir do Uruguai, subindo até a ilha de San José e, de lá, rumando para Berkeley, considerada, à época, o berço da contracultura². Ali, encontrou espaço na Nova Esquerda que buscava refletir sobre a cultura ocidental, distinguindo-se de uma “velha esquerda” marcadamente trabalhista (Trevisan, 2000: 337). Foram as experiências deste ativismo social gay norte-americano que Trevisan trouxe no seu retorno para o Brasil, em 1976, quando tentou montar um grupo de discussões das questões dos homossexuais. Afirma, porém, que nas terras tropicais encontra-se certa dificuldade para que o movimento de liberação homossexual se efetive, encontrando resposta para isso em uma “*modernidade* [que] reduz-se facilmente a *última moda*” (Idem, ibidem: 335; MacRae, 1990: 96). E continua:

Se a profusão de personagens homossexuais em rádios, televisões e filmes brasileiros tem excitado essa elite modernizada, que se sente orgulhosa de já poder aceitar viados e sapatonas ao seu redor, não exageremos: “Tudo bem, desde que não na minha família!”... Modernizar-se sim; mas calma lá! Assim, sob a ótica dessa “modernidade de algibeira”, a luta pelos direitos homossexuais tem sido vista, no fundo, como mais uma passageira “moda de verão”, quer dizer, um modismo descartável, um artigo de luxo. Parece-me muito instrutivo examinar como se instaurou e se desenvolveu no Brasil esse processo de implantação de uma luta organizada pelos direitos homossexuais – em meio a todos esses meios-tons de falso progressismo político e cultural. (Trevisan, 2000: 336)

Ainda assim, aponta para sua própria ambiguidade, uma vez que, é saindo do Brasil em auto-exílio que tem contato com as ideias sobre a liberação homossexual – estrangeiras – e, em seu retorno, ambiciona discutir o tema aqui, assim como outros que, a partir de 1979, iniciaram seu retorno gradativo, após serem obrigados a deixar o país em razão da ditadura militar instalada a partir do golpe de 1964. Em 1976, em São Paulo, Trevisan tentou agrupar alguns jovens universitários homossexuais para discutirem o tema em reuniões semanais. Para

² Sobre a contracultura, ver: ACOT, Pascal. *História da ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990; ALMEIDA, Jozimar Paes de. *Extinção do arco-íris*. Ecologia e História. Campinas: Papyrus, 1988; GABEIRA, Fernando. *Vida Alternativa. Um Revolução do Dia a Dia*. Porto Alegre: L&PM., 1985; HOLLANA, Heloisa B.. GONÇALVES, Marcos A.. *Cultura e participação nos anos 60*. 9º ed.. São Paulo: Brasiliense, 1994; KALTAI, Caterina. *Por que pacifismo*. São Paulo: Moderna, 1986; MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 1987; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

além da pequena participação – sempre em torno de uma dúzia de pessoas –, o campo reivindicatório era ainda bastante escasso e questões ideológicas próprias de um período em que a esquerda ortodoxa se fazia deveras presente emperravam as discussões:

Mas os participantes, muito reticentes ante a experiência, estavam paralisados por sentimentos de culpa relacionados com suas convicções ideológicas – mesmo quando tivessem sofrido humilhações por parte de seus companheiros de partido, pelo fato de serem homossexuais. A grande pergunta que se faziam ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? Sem uma resposta clara, qualquer movimento ficava empacado nessa questão. Como se não bastasse, 70% do grupo admitiam francamente se achar anormal por causa de sua homossexualidade. Nessas condições, não é de estranhar que o projeto tenha ruído após algumas penosas reuniões. (Idem, *Ibidem*: 337)

No fim de 1977, homossexuais ligados às artes e ao jornalismo reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteadado, com vistas à organização de uma antologia de literatura gay latino-americana por parte de Winston Leyland, fundador da Gay Sunshine Press, de São Francisco (EUA) (Idem, *ibidem*: 338; Facchini, 2005: 91ss). A presença de Leyland foi um elemento catalisador para a criação de um jornal voltado para o público homossexual no Brasil. Assim, em 1978 um grupo de homossexuais fundou o periódico que, em abril de 1978 circulou em sua edição número zero. O jornal *Lampião*³ contava em seu conselho com Aguinaldo Silva (editor), Antônio Crysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry, além de colaboradores.

Cumprе ressaltar que não foi a primeira experiência de uma publicação voltada para o público homossexual no Brasil; porém, o *Lampião* se configura como uma proposta distinta das anteriores. Entre 1963 e 1969 circulou, em especial na orla carioca, o jornal doméstico *Snob*, idealizado e produzido por Agildo Guimarães, recifense radicado no Rio de Janeiro desde o ano de 1952. (Green, 2000: 253-272)

O *Snob* era voltado para os contatos sociais entre os homossexuais que viviam nas regiões de Copacabana e Ipanema, no Rio de Janeiro. Esses indivíduos, a partir de suas afinidades, formavam turmas, como diziam no período, que utilizavam o jornal noticiando concursos de misses, fofocas, correios elegantes e outras notícias deste pequeno “mundo” gay

³ O jornal *Lampião da Esquina*, chamado, a partir do primeiro número regular (maio de 1978) apenas *Lampião*, integrava o amplo espectro da imprensa alternativa ou “nanica” do Brasil da Ditadura Militar. Sobre esse tipo de publicações, ver: AGUIAR, Flávio. *Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza & De LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 233-247.

carioca dos anos 1960. Nesse período, a sociabilidade gay dava-se, sobretudo nos apartamentos e casas desses homossexuais e nos espaços públicos disponíveis, como a praia, a Cinelândia, a Lapa. As várias “turmas” se agrupavam criando redes de solidariedade entre si. Rogério da Silva Martins da Costa contabiliza nove delas na citada região, nos primeiros anos de existência do *Snob*: Turmas do Catete, de Copacabana, da Zona Norte, do Leme, OK, da Glória, da Mafalda, de Botafogo e Grupo Snob. (Costa, 2010: 32)

Importante ressaltar que o levantamento feito por Costa identificava que cerca de noventa por cento daqueles ligados às turmas e que, em razão disso, apareciam de alguma maneira no *Snob* não eram cariocas. Certamente as assertivas de Didier Eribon sobre a “fuga” dos homossexuais para os grandes centros urbanos em busca de espaço para construir suas vidas de maneira mais liberta – dos entraves oferecidos por suas famílias e pelas pequenas comunidades – nos auxiliam a compreender este fenômeno. (Eribon, 2008: 30-36)

O *Snob* foi acusado – já à época e posteriormente – de praticar o simples “colonismo social”, sem que temas relevantes ou “políticos” fossem apresentados em suas páginas. A mesma crítica era oferecida à “grande imprensa”: “Primeira pessoa a tentar impor um novo conceito à chamada “imprensa homossexual” – até aqui limitada a um *pastiche* do colonismo social exercido na grande imprensa (grande apenas no sentido de economicamente poderosa)... (Dantas, 1978: 5). Ela está presente no número zero do *Lampião*:

O lançamento do *Entender* [publicação caseira de caráter mais abertamente político criada por Frederico Jorge Dantas] provocou um sério colapso na estrutura daqueles “cadernos” onde a pauta central é o “colonismo social”, ao mesmo tempo que gerou um estado de esperança nos que cogitam a realidade de uma homossexualidade despida do fetichismo sexual que ainda é a razão da nossa existência para os menos esclarecidos. (Idem)

Tal interpretação pode excluir elementos da sociabilidade homossexual do período anterior aos anos 1970. É possível que o tom ameno adotado pelo *Snob* tenha irritado aqueles que já se haviam cansado do expediente de pequenos recados, notícias de sala e cozinha, presentes no caseiro jornal. Um trecho do *Snob*:

1969 parece ser o ano das novidades, pelo menos para nós do SNOB, muita coisa nova acontecerá no decorrer deste ano. Iniciamos com um jornal mais adulto (diário oficial de contos), onde crônicas, poesias, artigos de real interesse, contos e colonismo social sadio, sem fofquinhas, aliás abandonadas há muito por nossos cronistas, e [suprimidos os] desenhos de figuras femininas indicando rapazes que chegam a dar um ar de gozação, mostrarão nossos propósitos de atingirmos uma realidade do que realmente somos. (Costa, 2010: 43-44)

Se *O Snob* teve importância nos anos 1960, o foi como divulgador das atividades de grupos de homossexuais – sobretudo migrantes – estabelecidos no Rio de Janeiro. Sua leitura nos oferece vestígios das redes de solidariedade construídas por esses indivíduos e determinadas características da experiência homossexual do período. Leila Mícolis, no próprio *Lampião*, escreve:

Em 1961, foi fundado o SNOB, que incentivou o surgimento de outros jornaizinhos gays numa grande e pioneira cadeia de informações e intercâmbio. 27 publicações circularam na época. (...) Embora tenha sido, como o próprio Agildo Guimarães comenta, um trabalho ingênuo, não se pode deixar de reconhecer o valor criativo destas publicações, inclusive em seus recursos de impressão. Há verdadeiras obras de arte artesanais (jornais baianos com um único exemplar feito a mão - DI PAULA), outras mimeografadas, e GENTE GAY, o último (76), trazia reduções e reproduções de fotos por processo xerox e uma diagramação bem atual. Se a maioria de seus textos versavam sobre amenidades e badalações sociais, também havia indicações culturais, reportagens, classificados, charges, concursos de contos, poemas, roteiros gays, textos transcritos de jornais ou revistas da grande imprensa, assinados por Darcy Penteado, Antônio Bivar, e outros. Lógico que essas publicações diferem muito dos jornais de hoje, mas também tem pontos em comum: é que essas pessoas fizeram o máximo, dentro de suas possibilidades, para lutar contra o tratamento diferenciado que sofriam. Tiveram dificuldades com a família, trabalho e até a repressão institucionalizada, mas não pararam. Então, não dá só pra gente criticar: eles marcaram uma época, talvez ainda mais difícil do que a atual (...). (Mícolis, 1980: 6)

Mesmo fortemente marcado por um “colunismo social”, dando conta de fofocas, concursos e festas, serviu para estreitar laços de homens que se sentiam um pouco solitários e esperançosos naquela grande cidade. É, certamente, em função do próprio *Lampião* que o aspecto “burlesco” de *O Snob* seria acentuado. E quais as principais características deste novo jornal?

Quando de sua visita ao Brasil, já citada anteriormente, Winston Leyland concedeu a entrevista que seria publicada posteriormente nas páginas do *Lampião*. O tema, o ativismo político homossexual, de alguma maneira, era inaugurado pelo jornal no Brasil, destacando-o das publicações anteriores. Leyland afirma:

Tenho hoje 37 anos. Apesar de anteriormente já estar consciente de ser um homossexual, só depois dos 27 anos. Fui me sentir inteiramente à vontade com minha homossexualidade. Na época em que resolvi assumir esse fato, comecei também a lutar contra a guerra do Vietnã, indo participar ativamente nas demonstrações de protesto. Minha consciência política tinha amadurecido. Em 1969, ouvi falar dos grupos de liberação dos homossexuais que estavam se formando, e me interessei de imediato pelas ideias que então começavam a circular. Era ainda o início do Movimento Homossexual nos Estados Unidos. (Trevisan, 1978: 11)

Jorge Luiz Pinto Rodrigues reflete sobre o surgimento dos chamados “novos movimentos sociais” e do importante papel que o *Lampião* exerceu para os homossexuais no Brasil, notadamente na construção de uma “cultura gay” (Rodrigues, 2005), e ainda afirma que

O surgimento do *Lampião da Esquina* representa bem o inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira; e utilizando-se dos periódicos, essa parcela tentava mostrar caminhos alternativos para o difícil período em que vivíamos. (Rodrigues, 2005: 71)

Para tal empreitada, de seus onze idealizadores, nove se cotizaram para montar uma editora – Da Esquina – e enviaram cartas a “12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil” (MacRae, 1990: 71) para arrecadar os fundos necessários e que foram responsáveis pela publicação de seus dois primeiros números. O jornal, para além de seus editores, contava com a presença de importantes intelectuais e representantes de grupos “minoritários”, como negros, mulheres e índios, em suas páginas, comumente por meio de entrevistas (Marta Suplicy, Leci Brandão, Norma Bengel, Zezé Mota...).

O jornal – francamente homossexual e tendo junto a esse público seu principal filão – abria espaço em suas páginas para outras “minorias”. Certamente foi o movimento feminista que mais esteve presente, sobretudo pela participação da poetisa Leila Mícolis. Trazia, ainda, reportagens sobre temas que depois restringir-se-iam às páginas policiais da grande imprensa (de onde nunca saiu), como a prostituição, a “pegação” e o travestismo e, para além, foi a primeira publicação homossexual de abrangência nacional – mesmo que com predominância de matérias sobre o eixo Rio de Janeiro/São Paulo, sobretudo a primeira das cidades). Em sua segunda edição, trazia a chamada em sua capa “Cinelândia, Alaska, São João – as relações perigosas”, sobre um assassinato desfechado por um dos tantos “michês” (prostitutos) que faziam ponto na região.

Onze e meia da noite de uma sexta para sábado. O local tanto pode ser a Cinelândia ou Galeria Alaska, no Rio, quanto a Avenida São João, em São Paulo. Desde as seis da tarde – horário de saída dos escritórios das imediações – que o movimento não pára –, e não vai parar até três, quatro horas da manhã de domingo. É o *conhecido* triângulo da badalação entendida, para uns; para outros, da prostituição masculina no Rio e em São Paulo: Cinelândia-Alaska- São João, onde se amontoa uma população diferente, de homossexuais de todos os tipos, de um lado, aos que vivem às custas desse gueto tropical, do outro. (CHRYSÓSTOMO, 1978: 4)

A reportagem se constituía de um longo relato do repórter sobre os três lugares em questão. A matéria fora motivada pelo assassinato de um homossexual (cliente) por um “michê” (prostituto contratado). Chrysóstomo segue a trilha e conversa com os diversos

rapazes dispostos nas calçadas destes territórios, em seus becos. Descobre o que lhe parece óbvio: são figuras marcadamente viris, ao menos no discurso, deixam claro que não assumirão um papel “passivo” na relação, que estão “na vida” pelo dinheiro fácil e pelas condições de vida que não lhes garantiram um lugar melhor na sociedade.⁴ De outro lado, trazia notícias como a que segue:

Bar Gaiola das Loucas, na zona do Baixo Meretrício de Teresina, Piauí. Fica na Rua João Cabral, no Paissandu. Gaiola instalada num tabique do que já foi um grande galpão (café? cacau? bofes?). Frequentadores assíduos: Vanusa, Eliana Pittman, Regina Duarte. Passatempo: sinuca. Comida: pastéis e quibes de zona. Em 76, a polícia tentou moralizar o ambiente. A bicharada se entrincheirou atrás de mesas e cadeiras. Há informações de que a polícia foi enfrentada a socos, puxões de cabelos, golpes de salto de sapato e dentadas. Resultado: o Bar Gaiola das Loucas existe até hoje e tem um bloco carnavalesco onde se misturam, democraticamente, peões de obra, estudantes, bichas de todas as origens e classes sociais, Um furdúncio. Viva o Piauí. Com amor, Rafaela Mambaba. (Mambaba, 1978: 4)

Rafaela Mambaba foi uma personagem fictícia criada pelos editores do jornal e era responsável por comentários ferinos que apareciam nas páginas do *Lampião*, bem como notas como essa. Interessante pensar que é uma personagem com linguajar próximo daquele do gueto, que dá, aparentemente, uma dica turística: localização, entretenimento, cardápio. Ocorre que, por trás desta aparente “leveza”, o que está dito é que, em Teresina, os homossexuais resolveram não se intimidar com os achincalhes do aparelho policial repressor, à moda estadunidense inaugurada pelo Stonewall, promovendo um levante no gueto. A luta pelo espaço e pelas formas de existência maquiada, mascarada, camuflada em uma dica de casa noturna. Certamente, este se configura como um expediente comum à imprensa alternativa – ou à imprensa que divergia do *status quo* posto nos anos 1960/1970 no Brasil.

Em seu terceiro número, trazia a reportagem de Lúcia Rito sobre o fechamento da zona de prostituição na capital do Rio de Janeiro, a zona do Mangue. Ali, Lúcia entrevistou algumas das mulheres. As histórias de vida que lhe foram contadas eram tristes, passavam por grandes famílias, muitos filhos, pobreza ou miséria.

As mulheres contaram sobre a decadência da zona do Mangue, o aumento do número de ladrões, evasão dos clientes, policiamento cada vez mais escasso – como estratégia para o declínio, um facilitador para a retirada dos prostíbulos da região. Apresenta um panorama amplo dos homens que as procuram, dos 11 aos 70 anos, sendo unânimes em dizer

⁴ Sobre a “prostituição viril em São Paulo e as construções identitárias disponíveis sobretudo entre os michês, ver: PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo*. Op. cit..

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

que os mais novinhos são os que pagam melhor e dizendo que “a gente trata eles bem, porque senão ficam traumatizados pro resto da vida, né?” (Rito, 1978: 7).

O jornal, a partir de críticas recebidas na seção de cartas, tenta inserir o humor em suas páginas, no geral, muito sérias. Rodrigues afirma que “com manchas gráficas pesadas, pouco claro, uma diagramação dura e de pouca inventividade, o jornal tinha como preocupação maior o discurso verbal; é como se a severidade da forma respaldasse a seriedade do conteúdo.” (Rodrigues, 2007: 80). Esse humor, para além da acidez dos comentários de Rafaela Mambaba, em uma ou outra edição, se fez presente por meio de algumas charges que, logo nas primeiras edições, começaram a aparecer no jornal. De autores desconhecidos, elas partilhavam espaço com as chamadas nas capas, com as matérias “sérias” ou com desenhos de artistas plásticos conhecidos, como Darcy Penteadado, nas páginas lampionescas, imagens ou charges que nem sempre tratavam da homossexualidade.

Uma ilustração de Darcy Penteadado poderia ser adquirida, assim como outras, por meio do próprio jornal. Calendários com fotos sensuais de homens também eram vendidos e estes recursos eram utilizados para manter o jornal. Por outro lado, as charges serviam não apenas para trazer o humor para o *Lampião*, mas também para criticar determinados grupos nas disputas sociais de fins dos anos 1970 e início dos anos 1980. Temas que somente se fortaleceriam na década seguinte, como a ecologia presente no Brasil a partir do retorno de algumas figuras que haviam deixado os trópicos em exílio, a exemplo de Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis ou Herbert Daniel, também seriam vistos nestas charges.

Termos como “viado” “bicha”, “sapatona”, “perobo” e outros mais, eram utilizados pelos próprios homossexuais, na tentativa de destituir de todo pejo tais termos. O desenho de Rick Aiala remete aos padrões sexuais e à “cegueira” dos heterossexuais, evidente em não querer perceber a homossexualidade. A família, primeira a negar as sexualidades não hegemônicas, esteve também presente.

MacRae aponta para o lugar de destaque da violência policial presente nas páginas do jornal. Afirma que “ao criticarem os poderes judiciais e policiais, a equipe redatora do jornal se mostrava muito bem informada” (MacRae, 1990: 76). Contava com a coordenação editorial de Aguinaldo Silva, à época um respeitado repórter policial – anos depois se tornaria um renomado autor de telenovelas globais – e seus demais editores já conheciam o tratamento oferecido pela polícia, seja por prisões realizadas nos guetos homossexuais ou em razão de

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

sua participação no próprio *Lampião*. A crítica social mais ampla esteve presente mesmo quando da realização do censo pelo IBGE em 1980:

Em seu número zero, na capa, o jornal trazia a reportagem “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?”, sobre o processo sofrido pelo jornalista criador da “Coluna do Meio” do jornal *Última Hora*. Na segunda página, o Conselho Editorial assina as motivações para a criação de *Lampião* e os objetivos da publicação, em “Saindo do Gheto” e ali afirmavam:

Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas. (O Conselho Editorial: 1978: 2)

A intenção de questionar os padrões heteronormativos e excludentes expostos se apresentava no mesmo editorial, no qual afirmavam que o jornal visava a “esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana”, pretendendo, ainda “dar voz” a outros tantos grupos discriminados, “dos negros, índios, mulheres, às minorias do Curdistão” (idem).

No que tange ao homoerotismo, Aguinaldo Silva, em “O nosso prazer é melhor?” (Silva, 1978: 4), apresenta uma importante questão. Seria preciso, naquele momento, que a população fosse informada sobre o “homossexualismo”. Conforme apresentado no capítulo anterior, a educação – formal ou não – é um dos caminhos possíveis para que os processos de exclusão social sejam, mesmo que gradativamente, encerrados. Essa necessidade já estava posta em fins dos anos 1970, ou seja, quatro décadas atrás. Percebemos mais algumas

permanências. Quanto ao que seria o “homossexualismo”, Silva nos diz que se trata de uma “disposição emocional”, em contraposição à perversão ou doença, maneiras como se tratava então.

Frente aos processos de exclusão social sofridos pelos homossexuais, os editores do *Lampião* se arvoram a oferecer algumas respostas. Vejamos. No segundo número do *Lampião*, Darcy Penteadado se pergunta: “Homossexualismo – que coisa é essa?”. Recorrendo à obra *La question homosexuelle*, de Marc Oraison, encontra referências a certa representação sobre o homem construída em toda cultura. Segundo o autor, todo aquele que não aderiu a esta representação foi considerado anormal, fora da norma imposta pela própria representação previamente construída. Penteadado afirma que tantos são aqueles que fogem, cotidianamente à norma, como artistas, grande parte da intelectualidade, imaginosos, talentosos, e continua:

Como ficamos então, em relação ao homossexualismo? Porque a questão está aqui, agora, palpitante e presente! As rejeições e as desculpas que nossa sociedade cultural usou anteriormente como estacas de sustentação, estão podres e desmoronando, desde que a medicina e a psiquiatria não têm mais aqueles elementos que ela sempre usou para seu apoio e acomodação. Quando Marc Oraison conclui em seu livro que “o homossexualismo é um fato”, está a meu ver constatando uma verdade que até agora a sociedade tentou manter adormecida, mas esta constatação é conformista, porque ela apenas estabelece um marco, um limite. E os limites devem ser transpostos, quando a área delimitada não oferece razões e condições de subsistência. Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo um lugar atuante numa sociedade, com direito a uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque só a tolerância, como nos foi dado até agora, não obrigado! É muito pouco. (Penteadado, 1978: 2)

Entretanto, divergências estavam postas quanto ao tom mais claramente político do jornal. Sobre isso, João Antônio Mascarenhas afirma, em entrevista realizada por Cláudio Roberto da Silva:

...quem tinha vontade daquele movimento era eu. O João Silvério Trevisan era o único que tinha alguma noção além de mim. O Trevisan possuía a ideia do Gay Liberation... que é uma atitude filosófica de contestação plena, completa e radical. Algo um pouco diferente da minha posição... nunca fui do Gay Liberation. (...) Os outros nunca tinham nem ouvido falar em movimento, nem o Aguinaldo... o Darcy também não. [...] Desde o início, vi que o jornal nunca seria um órgão do movimento... por causa do papel predominante do Aguinaldo. Ele não sabia nada do assunto, nem se importava com isso. Mesmo assim, achei que devia prestigiar o *Lampião*, pois parecia-me que era melhor ter esse jornal do que não ter nada. [...] Porém, sob a orientação do Aguinaldo, o jornal se afastava da minha ideia. (Silva, 1998: 280-282; Facchini, 2005: 110-111)

Mesmo enfrentando tais divergências, a fundação do jornal parece ter dado o impulso necessário para que alguns homossexuais se organizassem. Jorge Caê Rodrigues afirma que “a imprensa gay no Brasil, assim como no mundo, surge da necessidade que uma

parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis.” (Rodrigues, 2010: 406) Assim, instados por este novo fôlego, do núcleo do *Lampião* surgiu, em São Paulo, o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual.

Esse pioneiro grupo de luta pelos direitos e expressão dos homossexuais atuou inicialmente sob o título de Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, por quase um ano. Somente após este período e calorosas discussões, o novo nome foi escolhido, não apenas para homenagear a publicação argentina voltada para homossexuais que encerrara suas atividades dois anos antes, mas por seu caráter positivo: Somos.

O grupo estava determinado a proceder uma crítica profunda à sociedade patriarcal heteronormativa na qual estava inserido. Seus integrantes participavam de debates, encontros, seminários congressos, além de utilizar o *Lampião* como espaço para divulgar os acontecimentos e ideias do grupo.

Mais que isso, parece-nos importante ressaltar alguns aspectos do conjunto de ideias que permeava o Somos. Em primeiro lugar, o grupo surgiu no mesmo ano das eleições que colocariam no poder o último dos generais da Ditadura Militar instalada em 1964. Isso implicou, para seus participantes, engajarem-se ou não a outras lutas. Se o *Lampião* se queria plural, aberto a todas as “minorias”, o Somos fechava-se nas homossexualidades, compreendendo que esta seria a primeira “luta” do grupo: a liberdade da expressão sexual em suas várias faces.

Havia, no grupo, interesse de construir identidades que gerassem laços de solidariedade entre os homossexuais. Assim, termos como “entendido” ou “gay” eram evitados, por acreditarem que o primeiro era “enrustidor” e elitista, e o segundo atrelaria o movimento brasileiro ao norte-americano. Nenhuma das duas opções lhes parecia válida. A plenitude da experiência sexual também era buscada. MacRae inclui, em sua análise, as relações cada vez mais voltadas para o próprio grupo e as relações que, muitas vezes, se davam entre integrantes do próprio Somos (MacRae, 1990: 121-147). O mesmo autor ressalta a precariedade das discussões havidas no interior do grupo e, no que tange aos aspectos políticos mais amplos, poucas informações eram percebidas ali, uma vez que, afirma o autor, a verdade daquele grupo e as formas de luta estavam associadas à própria sexualidade. MacRae parece discordar de tal maneira e, para evidenciá-lo, cita Foucault: “O que me parece essencial é a existência em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade,

a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa da felicidade estão ligados entre si” (Apud MacRae, 1990: 147).

As novas aragens trazidas pelo *Lampião* e pelo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual – e, talvez, as divisões havidas a partir deste grupo – levaram à fundação de outros grupos em diversas cidades do país, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Assim, em abril de 1980, oito grupos realizaram em São Paulo o Primeiro Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados, contando com cerca de mil gays e lésbicas no Teatro Ruth Escobar (Green, 2000: 434).

Um tema caro ao grupo, para além da liberdade individual de cada um expressar sua sexualidade da forma como lhe apetecesse, era o da autonomia do movimento frente a qualquer luta chamada “maior”. A esquerda brasileira do período tinha ideias bastante claras – assim como os homossexuais do Somos – sobre o nefasto que era a Ditadura; porém, havia discordância quanto às formas de lutar contra ela. Por outro lado, a possibilidade de atrelamento do grupo a algum dos agrupamentos de esquerda, como era o caso da Convergência Socialista que começava a instalar-se no interior do Somos, causava grande incômodo em significativa parcela de seus integrantes. As disputas giravam em torno da díade autonomia/atrelamento.

A partir dos relatos de MacRae (1990), Green (2000) e Trevisan (2000), compreendemos que a autonomia tão cara fora deixada de lado por parte dos integrantes do Somos, o que levou outros tantos, a exemplo de Trevisan, a se afastarem do grupo. Sobre tal fato, é triste o relato;

Os últimos ecos que colhi do *Somos* dão uma ideia de como ele perdera, definitivamente, sua relevância. Com a chegada oficial da Aids ao Brasil, nos primeiros meses de 1983, eu e outras pessoas apreensivas com as notícias fomos até a sede do grupo, agora já abandonada às traças pelos trotskistas. Queríamos somar esforços de antigos e atuais ativistas para estabelecer uma estratégia mínima frente à doença ainda desconhecida mas fatal, e suas repercussões sociais. Num claro sintoma de enrijecimento burocrático, um porta-voz remanescente do *Somos* respondeu que o grupo não estava em condições de se preocupar com outras questões que não relacionadas com sua reestruturação interna. Mesmo porque, emendou ele, essa era uma doença de bicha burguesa, com dinheiro para ir às saunas de Nova York, distante da barra pesada das bichas da periferia. Essa jóia de (recém inaugurado) populismo guei parece ter sido o canto do cisne do *Somos*, do qual nunca mais tive notícias. (Trevisan, 2000: 360)

O próximo a fechar suas portas seria o jornal *Lampião* da esquina. As primeiras páginas da história dos movimentos de afirmação homossexual brasileiros foram viradas.

BIBLIOGRAFIA:

AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: *Opinião, Movimento e Em Tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza & De LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 233-247.

CHRYSÓSTOMO, Antônio. Cinelândia-Alaska-São João – Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião*, ano 1, nº 1, maio/junho de 1978, p. 4.

COSTA, Rogério da Silva Martins da Costa. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais), Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

DANTAS, Frederico Jorge. Qual é a nossa imprensa?, *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 5.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

LÉVY, Bernard-Henri. *American vertigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MacRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAMBABA, Rafaela. De Teresina para o mundo. *Lampião*, ano I, nº 2, junho/julho de 1978, p. 4.

MÍCCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”... os bons tempos da imprensa gay. *Lampião* nº 28, Rio de Janeiro: Esquina Editora, setembro de 1980, p. 6.

O CONSELHO EDITORIAL. Saindo do gueto. *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 2.

PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: que coisa é essa?. *Lampião*, nº 2, p. 2.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo*. Brasiliense, 1987.

RITO, Lúcia. Essa zona vai acabar. *Lampião*, ano I, nº 3, julho/agosto de 1978, p. 7.

RODRIGUES, Jorge Caê. Impressões de identidade: os caminhos da imprensa gay nacional. In: COSTA, Horácio et. al. (orgs.). *Retratos do Brasil homossexual – fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

RODRIGUES, Jorge Luiz Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Miriam Pillar et. all. (orgs.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 69-90.

SILVA, Aguinaldo. O nosso prazer é melhor?. *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 4.

SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Record, 2000.

TREVISAN, João Silvério. Leyland fala sobre atuação política – entrevista com Winston Leyland. *Lampião*, número 2, p. 11.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. *Lampião*, número 8, janeiro de 1979, p. 2.